

ELEIÇÕES

Alguns dos deputados e senadores eleitos para a Assembléia Constituinte (assunto também das duas páginas seguintes) certamente vão exercer papel de liderança. O PMDB vai ser o partido majoritário, com líderes como Ulysses Guimarães. Mas sobre todos eles deve pairar a figura do voto em branco, só na legenda, que assustou muitos candidatos. Alguns falavam em 40%, na apuração.

ANC 88
Pasta Novembro/86
069

A Constituinte em discussão

A Assembléia Nacional Constituinte que você elegeu ontem, na verdade, não pode ser chamada por esse nome. Assembléia Nacional Constituinte é um apelido que resolveram dar a um Congresso Constituinte. Uma verdadeira Constituinte tem o poder originário e soberano, que não deriva de ninguém. Já o Congresso tem esse poder secundário, que recebe quando instalado. E além disso, tem que cuidar da Legislação ordinária, rotineira.

Também já estão lá, no Senado, 23 legisladores que não receberam delegação popular para elaborar uma nova Carta. Você pode até chamá-los de "constituintes biônicos".

Mas vanos aceitar essa limitação. Afinal, a grande maioria foi eleita ontem. Essa gente que vai lotar Brasília a partir de março está investida de um poder novo na

política nacional: soberania. O voto dos constituintes é soberano, o que significa que cada um deles tem liberdade ilimitada na defesa das suas convicções.

O constituinte não está sujeito a qualquer disciplina de partido, a questões fechadas e qualquer tipo de constrangimento. Mesmo assim, observadores muito experientes, congressistas e ex-congressistas, acreditam que, na Constituinte, a maioria seguirá a orientação natural de 30 a 40 personalidades mais fortes, eleitas ontem.

É inevitável. Quem pode negar, por exemplo, o peso político de um deputado como Ulysses Guimarães, PMDB-SP, certamente reeleito? Ou mesmo Delfim Neto, PDS-SP, que deverá levar para o Congresso cerca de 40 fiéis seguidores, eleitos em vários Estados do Brasil? Delfim, por sinal, é herdeiro da liderança malufista, no caso da

derrota de Paulo Maluf em São Paulo.

Os observadores não deixam de citar, também, como líderes de grupos, o deputado Nelson Marchezan, candidato ao Senado pelo PDS gaúcho, e Amaral Neto, PDS carioca, ambos habilíssimos articuladores dentro da Casa. Entre os conservadores, não há como esquecer também a liderança de um deputado do PDS-CE, que deverá ser reeleito, mas anda meio esquecido: Flávio Marcílio.

Ulysses com problemas

Claro que há líderes entre os progressistas e mesmo a esquerda, mas os próprios líderes devem acatar as sugestões de Ulysses Guimarães que irá pairar sobre eles, como Zeus. Mas, atenção: apesar do lendário deputado paulista, qualquer que seja o resultado da eleição de ontem, sobre Zeus estará pairando José Sarney.

Não há dúvidas, dizem esses observadores: dos 250 deputados que o PMDB deverá eleger, 130 já estão fechados com Sarney. São cálculos e previsões. Mas muito realistas.

Só um exemplo: de uma banca de 12 deputados que o Estado de Pernambuco elegerá, pelo PMDB, Ulysses Guimarães conta com apenas 4, e Sarney com o restante. Diz um importante articulador político em Brasília que o presidente nacional do PMDB abriu demais as portas do partido e nele entraram deputados extremamente conservadores (do ponto de vista da cúpula peemedebista), como o pernambucano Nilson Gibson, um ex-informante do SNI da velha República. A tendência, pois, é de uma Constituinte bastante conservadora, em que Sarney estará alguns centímetros à esquerda.

Mas há outros parlamentares que terão grande influência na nova Carta. Um deles é o senador Fernando Henrique Cardoso, do PMDB de São Paulo, certamente reeleito. Outro, também do PMDB-SP, é o senador Mário Covas. O jurista Afonso Arinos, PFL-RJ, setiver sorte nas urnas, será um dos interlocutores principais da massa de deputados novos.

Um liquidificador

No entanto, na visão desses observadores, há um sério problema na Constituinte que você elegeu ontem: a quase total ausência de grandes negociadores. Gente parecida com Tancredo Neves, ou mesmo com Thales Ramalho, hoje ministro do Tribunal de Contas da União. Ulysses, por exemplo, nunca foi um bom negociador.

"O Congresso é como um grande liquidificador — diz um desses informantes — e para entender os seus mecanismos, meandros, para circular mentalmente por seus corredores, é necessário uns 20 anos de vida parlamentar."

Fernando Henrique, que seria um bom negociador, é muito jovem como parlamentar. Nelson Marchezan leva jeito para negociar, mas lhe faltam alguns anos para chegar à experiência de um Thales Ramalho. Um negociador com 20 anos de experiência é respeitado até por quem não o conhece, ou por quem diverge dele politicamente.

Por falar em negociação, ela começa hoje, com as discussões sobre os instrumentos preparatórios de formação da Assembléia, e o regimento interno. Nessas discussões, surge mais uma vez um negociador importantíssimo, fora do Congresso: José Sarney. É reconhecida a sua habilidade para tratar dessas questões.

"O PMDB — diz um outro observador — terá problemas na negociação. É preciso que se entenda o seguinte: o PMDB não é o MDB. No velho MDB havia um colegiado que ponderava as posições a serem tomadas, num exaustivo processo de negociação, comandado pelo dr. Tancredo Neves, entre outros."

No PMDB é bem diferente. Como o partido foi aberto a todas as correntes, há muitos eleitos ontem que jamais obedecerão à cúpula do partido e muito menos à liderança de Ulysses Guimarães. E, sozinho, Ulysses jamais substituirá os negociadores do antigo MDB. O PMDB está, pois, nas mãos de um homem que, a partir de hoje, terá de negociar, antes de tudo, com as suas próprias angústias.

Uns e outros

O Congresso Constituinte, de qualquer forma, não deverá repetir totalmente a legislatura que se acaba. O Senado, que foi caudatário da Câmara nos últimos quatro anos, mediocrizado por um terço de biônicos, certamente retomará a sua importância. A iniciativa política nesta legislatura, não passou pelo Senado.

Nesses quatro anos, os líderes mais ouvidos têm sido os da bancada, presidentes de algumas comissões (como Justiça, Relações Exteriores e Economia) e alguns deputados isolados, com peso político, formadores de opinião ou respeitados pela imprensa.

Mas nem sempre os respeitados pela imprensa são líderes de grupo dentro do Congresso. Um caso exemplar é o de Eduardo Suplicy, PT-SP, cuja presença na imprensa é desproporcional à sua importância na Casa. Suplicy, segundo esses observadores, é alheio ao debate parlamentar, não se liga no que acontece nem se interessa pelo que pode acontecer.

João Cunha, PMDB-SP, é outro que faz um grande barulho que re-

percute externamente, mas não possui peso político interno. É o chamado "lobo solitário".

Sebastião Curió, PDS-PA, é apenas um tambor: transmite no Congresso o que a extrema direita pensa. Já Amaral Neto possui um incrível poder de articulação.

Quando começou a atual legislatura, imaginava-se que alguns ex-cassados tivessem uma enorme influência política no Congresso. Miguel Arraes, PMDB-PE, e Alencar Furtado, PMDB-PR, dois bons exemplos, não tiveram influência alguma.

Já alguns deputados mais novos se destacaram, como Airton Soares, que deixou a liderança do PT, virou PMDB-SP, e continuou sendo um interlocutor obrigatório para certas questões. Fernando Lyra, PMDB-PE, e Walber Guimarães, PMDB-PR, revelaram-se ótimos articuladores. Um outro que se destacou no último ano do seu primeiro mandato foi Flávio Bierrenbach, PMDB-SP.

Entre os marxistas, foram deputados de peso político: Roberto Freire, do PCB-PE; Haroldo Lima, PC do B-BA, e José Genoíno Neto, PT-SP.

Uma curiosidade: o PDT quase não teve força no atual Congresso. Bocayuva Cunha, o líder (RJ), fazia o partido aparecer quando estava de bem com Brizola; quando estava de mal, o PDT sumia.

Fernando Santana, do PCB-BA, um deputado queridíssimo pelos seus colegas de todos os partidos, não sabe articular. Em compensação, há outros que não articulam e não são populares: Irma Passoni, PT-SP, e João Cunha, PMDB-SP. João Cunha, segundo os observadores, por seu temperamento, digamos, explosivo; e Irma Passoni porque não cumprimenta ninguém, e aparteia todo mundo com uma voz esgançada, aos gritos.

Enfim, o processo decisório, quer no confronto, quer na articulação, acabou sendo definido, na atual legislatura, por uns 40 deputados. Sobre todos, a figura lendária do deputado Ulysses Guimarães, na Constituinte, poderá ser desbancado pela habilidade e a paciência de José Sarney e seus fiéis.

Fernando Portela